

A história recontada pelos marinheiros de 64

Em livro, um deles diz que grupo queria melhores salários e condições de trabalho, e só depois entrou na luta armada

José Meireles Passos

• Eles aparecem na história oficial do golpe militar de 1964 como um grupo de agitadores comunistas que, de tão radical, acabou se transformando num dos pretextos para que seus superiores derrubassem o presidente João Goulart. Agora, 45 anos depois, surge a versão daqueles protagonistas — os marinheiros que criaram uma entidade própria cujos fins, na verdade, eram mais prosaicos.

Eles queriam apenas lutar por seus direitos civis, como melhores salários, direito ao voto, di-

reito ao casamento, estabilidade no serviço e cursos para aperfeiçoar os seus conhecimentos. A partir do golpe de 1964, quando foram marginalizados — por defender a permanência do governo de direito —, é que os marinheiros mergulharam na luta armada contra a ditadura que estava sendo instalada.

Esse é, em síntese, o conteúdo do livro "1964 — A luta dos marinheiros", que será lançado amanhã à noite no Rio de Janeiro. Ele conta os bastidores do movimento que os golpistas definiram como a "Revolta dos Marinheiros".

"A ideologia dominante no meio oficial da Marinha assemelhava-se à ideologia negreira, dos senhores feudais da Velha República" — diz um trecho da obra de 385 páginas escrita por um daqueles marinheiros, Antônio Duarte, 69 anos, que — exilado na Suécia por 34 anos, onde se formou em antropologia — procura resgatar a saga da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais.

Criada em março de 1962, ela chegou a arregimentar 15 mil homens em seus dois anos de existência. Segundo o autor, trata-se de um episódio que, por

conveniência dos golpistas, foi apagado dos registros oficiais.

— Depois da Revolta da Chibata, em 1910, os castigos corporais impingidos aos marinheiros foram banidos. Mas eles continuaram sendo tratados com discriminação. A elite da Marinha queria manter os marinheiros numa posição subalterna — disse Duarte ao GLOBO.

Segundo ele, eles se sentiam discriminados. "Os marinheiros queriam obter, por meio da Marinha, um melhor nível de instrução. Não queriam ser tratados como brutos, como seres ignorantes", escreveu Duarte. ■



ANTÔNIO DUARTE: "Os marinheiros queriam melhor nível de instrução"

Autor revela regime quase escravagista

Marinheiros eram discriminados até na hora das refeições

• Segundo o autor do livro, Antônio Duarte, o movimento tinha conotação reivindicatória de uma categoria cujo salário-base era equivalente a um terço do salário mínimo. O surgimento da sua associação foi encarado como um ato de indisciplina que poderia ser definido como um motim. A entidade sofreu uma resistência bastante forte da Administração Naval, que, através do Ministério da Marinha, negou-se a reconhecê-la.

— Eles preferiam continuar equiparando-nos aos analfabetos. Sem contar o autoritarismo. Um comandante tinha o poder de um juiz que, por qualquer motivo, podia punir um marinheiro com até 30 dias de "impedimento", sem que este tivesse estivesse embarcado, não podia deixar o navio. Em terra firme, era prisão. E depois de três punições dessas você era expulso — lembrou Duarte.

Ele reafirmou que os marinheiros não se amotinaram, como foi noticiado na época. "Não lutavam, no começo, pelas reformas do governo João Goulart ou pelo trabalhismo, muito menos pelo comunismo. (...) Depois, em função da resistência dos chefes, assumiram a luta de mudar o Brasil".

Duarte se refere ao regime quase escravagista imposto pela Marinha. Conta que, ao chegar ao Centro de Reservistas Navais, em Natal, depois de ter sido aprovado em segundo lugar no exame de admissão à Marinha, Antonio Geraldo Costa (que também exilou-se na Suécia) ouviu de um sargento:

— Você é negro, mas é muito inteligente!

Comida era motivo de discriminação

Os soldados se sentiam discriminados por causa da alimentação. Certa vez, constataram que a comida estava estragada. O problema, alegaram os cozinheiros, fora causado por mau funcionamento da máquina frigorífica. Geraldo, então, aconselhou os colegas a não comer.

A recusa em se alimentar foi encarada como indisciplina. E foi dito que esse ato poderia ser enquadrado como um motim. Geraldo, que liderara o movimento, foi chamado pelo mestre d'armas para explicações. Deu-se, então, o seguinte diálogo — que Duarte registrou no livro:

— *Por que você disse aos seus colegas para não comerem da dobradinha?*

— *Porque a comida está podre.*

— *O comandante quer falar com você. Não diga que a tripa está podre!*

O comandante perguntou:

— *Você aconselhou os companheiros a não almoçar? Por quê? Não sabe que isso é indisciplina?*

— *Comandante, eu achei a comida estragada, e penso que não seria bom para os soldados comerem. Poderia dar indigestão.*

— *Pensou? E marinheiro pode pensar? Só quem pensa aqui sou eu — disse o comandante. ■*